

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

com tal sentimento, tudo está disposto no sentido de falharem sempre o seu encontro. Acresce que o problema assim agravado confere paralelamente força à ideia de que é já na própria vida que «os dados estão lançados» — sob certas condições, indissolúvelmente subjectivas e objectivas.

3.º A mesma observação se poderia fazer a propósito desta frase de Malraux que Sartre cita frequentemente: «a morte transforma a vida em destino». A morte, sem dúvida; mas também uma certa forma de viver a vida.

4.º Que se leiam de novo as citações de *L'Être et le Néant*, substituindo por «a morte viva» a expressão «a vida morta»; e por «ser um morto-vivo» a expressão «estar morto» — e nós teremos uma descrição igualmente válida, tendo em conta o facto de que uma consciência, embora responsável, dada a sua própria natureza, do seu ser-para-si e do seu ser-para-outrem, não o é realmente (praticamente, não o é de modo algum) enquanto disso mesmo se não tornar responsável. É nessa exacta medida que ela está como fechada, tornada objecto para os outros, acessível à diversidade das suas interpretações, mas perfeitamente igual para si. *Huis-Clos*



SARTRE POR ELE PRÓPRIO

não será acaso o drama dos que vivem uma vida fechada, dobrada sobre si, toda ela só consigo preocupada, voltada para si, uma vida sempre na defensiva em referência a outrem e assim mesmo totalmente entregue ao olhar desse outrem?

E aqui voltamos a uma primeira interpretação... Mas há ainda uma outra que não tentámos e que se fixa, de algum modo, na exacta fronteira entre a vida e a morte. Parece, com efeito, perfeitamente possível ver em *Huis-Clos* a dramatização dessa ameaça de um juízo supremo — o equivalente, para um ateu, do «Juízo final» — com que os nossos semelhantes não deixam de nos oprimir¹ e que efectivamente se há-de abater sobre nós, desde que já não possamos, por meio de novos actos, contribuir para o sentido da nossa própria existência. Outros que não nós serão então senhores da nossa vida, nada poderemos já fazer de nós próprios e estaremos reduzidos ao silêncio, embora possamos ainda falar, porque as nossas palavras nada provam, porque elas não serão mais que vãos protestos contra a realidade dos nossos actos anteriores. Sob este ponto de vista, o inferno é o olhar com que a si se olha, em vez dos outros, aquele que sabe que em breve irá morrer: há aí sem dúvida um instante deveras intenso e que pode ter um valor de eternidade². A relação com outrem é evidentemente basilar em *Huis-Clos*. Mas ela figura aí de um modo ainda muito abstracto, porque é sòmente pela consciência de outrem (no sentido de um olhar) que cada um aí se encontra enfrentado — na sua consciência. Não acontece o mesmo com *Morts sans Sépulture*, em que intervém pela primeira vez o tema da coacção física, e sob a forma mais violenta: a da tortura. Situação-limite que dará lugar a um duelo de morte — em que estarão em jogo não já as informações guardadas pelos do *maquis*, mas a prova da sua pretensa cobardia. Porque os milicianos precisam de que os do *maquis* sejam cobardes, para justificarem as torturas que empreenderam infligir-lhes; e os do *maquis* desejarão aguentar-se até ao fim.

¹ ...«A própria existência da morte aliena-nos inteiramente, na nossa própria vida, em proveito de outrem» (*L'Être et le Néant*, p. 628).

² Compreende-se, todavia, que o que há de infernal nesse olhar é não chegar ele a determinar o sentido da vida em vias de se extinguir: o valor final do comportamento passado «fica definitivamente em suspenso». A força deste Juízo final vem de ser ele impossível, não sendo tal impossibilidade senão a face objectiva da nossa súbita impotência para dar um significado à nossa vida, projectando-a para um certo futuro, implicando-a numa acção definida.